

Autobiografia de Viriato Soromenho-Marques

REGISTO DOS DIAS

Publicado no *Jornal de Letras*, na edição de 2 de Julho de 2008

Aos 50 anos já é possível fazer essa narrativa, sempre parcial e omissa de rigor, que se traduz numa meditação autobiográfica. Trata-se de contar como a nossa vida tocou e foi tocada por outras vidas. Tudo tem começo nos factos elementares. A nossa pertença a uma raiz. O pai, a mãe, os irmãos, que são sempre só nossos, aqueles de onde recebemos a energia básica de que nos alimentamos ao longo dos anos. Tudo tem continuação na família que escolhemos. Na mulher que aceitou partilhar connosco essa zona íntima onde se tecem sonhos e filhos. Mas que deve escapar ao espaço público. Daí retiramos a qualidade fundamental da resiliência. Essa capacidade de nos reerguermos, mesmo depois de cairmos, de recomeçar, depois do sarar das feridas.

Mar e Montanha. Quem nasce na terra de Bocage e Luísa Todi sente o apelo do mar com o leite materno. Da infância recorro épocas ilimitadas de praia, começadas a 10 de Junho (na televisão os heróis da guerra de África eram condecorados no Terreiro do Paço) prolongando-se até imediatamente antes do início das aulas. A minha relação com o mar foi sempre directa, sem a mediação de barcos pranchas ou fatos de mergulho. Nadei longas distâncias. Por três vezes atravessei os 3 Km que separam Setúbal de Tróia, mas foi a montanha que me deu uma oportunidade mais forte de crescer. Aos 14 anos comecei a escalar em rocha, com regularidades durante anos, de forma episódica até hoje. Aí se forjaram aquelas amizades que não falecem e que permanecem mesmo imunes à toxicidade do tempo: o Joca (o mais antigo amigo, um irmão por eleição), o João Varela, o António Ataz, o Manuel Esquivel, o Vítor, o Mário

Livros. Publiquei o meu primeiro livro em Abril de 1974, duas semanas antes do 25 de Abril. A sessão de lançamento ocorreu numa livraria de Setúbal, dirigida pelos meus amigos Manuel e Fátima Medeiros. Foi o poeta Helder Moura Pereira quem fez a apresentação. Uma série de poemas adolescentes a que dei o título de *Voragem dos Dias*. No ar sentia-se a mudança, aquela que já pressentira em Angola e Moçambique, no decurso de uma fascinante viagem que realizei ao coração do Império colonial português no Verão de 1973. Mas o título do livro é uma marca que nunca mais me abandonou. A efemeridade do tempo abarca hoje todas as dimensões da existência. A sua voragem já não atinge só os indivíduos. O tempo fustiga, forte, os alicerces das instituições e artificios civilizacionais, e o próprio corpo do mundo. Vivemos um período escatológico, de saídas inevitáveis e entradas incertas.

De certo modo os livros têm sido para mim uma prática de orientação. Cristalização de ordem, num fluxo erosivo e em constante mudança. Marcos

miliários assinalando rumos e estados do mundo. Nesse sentido, a escrita que designamos como ensaística acaba por ser a forma mais elevada de ficção: o pensamento compete com uma vida que urdirá a sua teia, com ele, sem ele, ou contra ele.

Guerra e paz. Na Alemanha, no Verão de 1983, decidi escrever o meu livro *Europa, o Risco do Futuro* (1985). Uma das canções na moda dizia a dado passo "...visita a Europa enquanto podes..." O perigo de uma guerra nuclear limitada à Europa atingia o seu pico. A guerra-fria estava prestes a tornar-se na maior hecatombe de sempre. Mergulhei na compreensão do que estava em jogo. Tentei compreender a lógica da guerra, da estratégia. Li e falei com muita gente. O livro saiu pouco antes de Gorbachev ter subido ao poder, afastando para longe o perigo. Nunca lhe pagaremos a dívida. Todos os que não morreram na guerra que ele evitou.

A guerra nuclear surgia como o típico risco ontológico da nossa era. A síncope cardíaca, numa metáfora que usei na altura. Vencer a guerra-fria permitiria, assim o julgava, ganharmos tempo para combater o outro risco ontológico, o da crise global do ambiente. Mais insidioso e invisível. Uma doença de progressão lenta, própria para uma civilização incauta, distraída e paralisada pela cegueira da busca do conforto. Até ao final da guerra-fria, compreender a guerra e lutar pela paz ocupou parte da minha agenda cívica. Recordo a alegria de trabalhar com Luís Moita e Pedro Pezarat Correia.

Estudar. Talvez a paixão maior. Dentro e fora do espaço da Escola. No fundo, a aprendizagem é o diálogo organizado e disciplinado. Nas aulas, nas bibliotecas, nos debates, nos monólogos quando somos percorridos por uma ideia, uma hipótese que não nos abandona.

Dos anos de estudante na Universidade destaco entre mestres marcantes, não só pelo que ensinaram, mas pela pedagogia do seu desempenho: Joaquim Cerqueira Gonçalves, José Barata-Moura e M. J. Carmo Ferreira. Mais tarde, Fernando Gil. De entre os colegas, foi com o Nuno Nabais que a sintonia foi mais perfeita. A exaltação de grandes livros e grandes autores, mas caminhos de leitura sempre diferentes.

Se houve uma época imaculada no que respeita ao estudo, essa foi a do período de 1986 a 1990. Anos inteiramente dedicados à pesquisa para o meu doutoramento sobre Kant. Temporadas inesquecíveis em Bremen (1986) e Berlim (1988). Berlim, na era do Muro, tinha uma magia especial. Entreguei-me a fundo à alma germânica, mantive um diário em alemão, fiz uma longa conferência na língua de Goethe, sobre "Filosofia em Portugal", cujo texto manuscrito ainda guardo. Dias de puro gozo nas bibliotecas, falando com os grandes mestres de Setecentos, mergulhado numa espécie de erotismo da erudição, como aquele que Maquiavel descreve na sua carta de exílio, ao seu amigo Francisco Vettori, em 1513, onde conta que antes de ler mudava de roupa, para estar à altura da dignidade dos clássicos...

Amigos de Berlim: o Frieder Otto Wolf, deputado dos *Die Grünen* e filósofo, Angelika Otto Bauer, filha do grande alpinista Paul Bauer, que me alojou em sua casa; o George Leaman, um americano apaixonado pelo impacto do

nazismo na filosofia alemã, tema sobre o qual publicaria um excelente ensaio; o João Maria de Freitas Branco, que no outro lado do Checkpoint Charlie me recebia para longos jantares de sábado...

Grandeza. Não concebo um mundo habitável sem grandeza. Ela é o equivalente ético do sublime natural. É um bem escasso, numa era de mercado onde tudo se troca e vende. A grandeza implica a unidade de predicados fundamentais. Um canalha inteligente, é antes de mais um canalha. A grandeza que suscita admiração implica sempre a combinação entre o génio, a generosidade, e o distanciamento de si próprio. Manuel Viegas Guerreiro (falecido em 1997), o grande discípulo de Leite Vasconcelos, tinha tudo isso. Tive a honra de o acompanhar no seu último trabalho de campo, na ilha de São Jorge, nos Açores. Outra figura, felizmente entre nós, que admiro profundamente é Adriano Moreira. Um homem excepcional, que espalha à sua volta uma energia mista de sabedoria e integridade. Sinais vivos de que o Bem é uma força activa no seio das coisas concretas.

Ambiente. Despertei para a causa ambiental muito cedo, pela mão do fantástico trabalho de José Correia da Cunha, que presidiu à Comissão Nacional do Ambiente desde a sua fundação em 1971. A sua acção editorial e televisiva, veja-se o programa televisivo *Há só uma Terra*, apresentado por Luís Filipe Costa, marcaram muitos da minha geração. Em 1977 escrevi um Manifesto para a intervenção ecologista em Setúbal. O cantor José Afonso foi o primeiro subscritor. Em 1980 aderi ao Setúbal Verde, onde fiz amizade com militantes para a vida (ver foto). Depois a Quercus, a que presidi, entre 1992 e 1995. A criação da pós-graduação em Filosofia da Natureza e do Ambiente na Universidade de Lisboa, com a Cristina Beckert e o Carlos João Correia. Mais tarde o Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável, a rede de conselho europeus (EEAC) de que fui Vice-Presidente, mais recentemente a colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Programa Gulbenkian Ambiente, o aconselhamento do Presidente da Comissão Europeia em matéria de energia e alterações climáticas... São muitos anos de estudo, viagens, conferências, estratégias, esperanças e desaires. Nomes marcantes: Mário Ruivo, que é o pilar da política marítima portuguesa, Mário Soares, que trouxe o ambiente para o lugar central que lhe pertence na política portuguesa. Amigos e colegas são muitos, mas destacarei, pedindo desculpa aos outros, a Luísa Schmidt, o Filipe Duarte Santos, o José Alho, o Aristides Leitão, o Raimundo Quintal, o Eugénio Sequeira, a Korinna Horta e muitos companheiros de outras nacionalidades.

Futuro. É o que dá sentido à nossa existência, O futuro antes estava garantido, hoje temos de lutar por ele. Pelo presente dos nossos filhos. A morte de cada um só é definitiva se toda a memória for abolida. A nossa civilização corre para um colapso, que, contudo, ainda pode ser evitado. Teremos a coragem de encontrar no serviço do futuro um critério de valor para as nossas vidas?